

PLANO PARA A EDUCAÇÃO DE UMA MENINA PORTUGUESA NO SÉCULO XVIII

(NO II CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DO MÉTODO, DE RIBEIRO SANCHES) ⁽¹⁾

por
LUÍS DE PINA

Em 7 de Março de 1699 nascia em Penamacor aquele que viria a chamar-se António Nunes Ribeiro Sanches e lograr, por seus méritos singulares — mormente fora das fronteiras pátrias — o crédito e a notoriedade que o alçariam a uma das maiores figuras médicas do seu tempo e um dos mais fervorosos promotores do progresso cultural português.

De cepa judaica, circunstâncias políticas do tempo, defensivas da religião tradicional, compeliram-no a deixar o país em 1726, com 27 anos. Chega a Paris. E de Paris procura a Holanda, em cuja Universidade de Leida é discípulo dilecto do grande Mestre de Medicina Hermann Boerhaave, que o Sr. D. João V pretendia trazer para a cátedra coimbrã, com ordenados que só aquela opulenta bolsa régia poderia conceder.

Era já médico então Ribeiro Sanches, que estudara em Coimbra e Salamanca. A Imperatriz da Rússia Ana Ivanova, pretendendo reformar os serviços médicos do seu Império, solicitara de Boerhaave a indicação de discípulos seus, que tal pudessem ali cometer. E logo o nosso Ribeiro Sanches foi escolhido, com mais dois colegas, o que originou a sua chegada à Rússia em 1731.

⁽¹⁾ Conferência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a colaboração do *Centro de Estudos Humanísticos*, em 11 de Dezembro de 1963.

Aí foi médico da Corte e dos Exércitos imperiais; tomou, como tal, parte nas campanhas russo-turcas; ascende a conselheiro de Estado da nova Imperatriz Isabel e enfim regressa a Paris em 1747, dezasséis anos depois de ter deixado Leida e o seu mestre Boerhaave, que jamais esqueceu e de quem se mostrou, como homem leal e bom e justo — que tudo é o mesmo — fidelíssimo discípulo (2).

Sabe-se que o seu projecto de Reforma do Ensino médico português, que publicou há 200 anos, e concomitante plano da organização da Universidade Nacional ou Real, independente de qualquer foro ou influência religiosa — quanto à sua administração ou governo; sabe-se, dizia, que o projecto de reforma setecentista do ensino da Medicina no nosso país se baseava nos métodos práticos, assentes na observação e experiência de Hermann Boerhaave, que ele propunha; como propôs e foram aceites por textos de aula as obras desse que foi o maior médico do mundo desse tempo. Verney teria também sugerido este projecto.

Recolhido a Paris, breve abandonaria a clínica a preocupar-se com o estudo, a investigação e a publicação de suas obras (3). Chamou-lhe Ricardo Jorge o criador da *Higiene político-social*, mercê do seu *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* (4). Educador, devem-se-lhe as *Cartas sobre a educação da Mocidade*, de 1760 (5).

Será a esta obra de Sanches que também dedicarei nestes momentos a modesta nota que estou a ler-vos, elucidada, de modo particular, com o manuscrito, creio que inédito, que pude ler e copiar recentemente na Biblioteca Nacional de Madrid, graças a subsídio do Instituto de Alta Cultura; manuscrito em que trata, muito especialmente, da *educação de uma menina portuguesa* (carta a um seu amigo).

Não se desligam facilmente estas duas obras da outra sua com o título, modernizando a grafia: *Método para aprender e estudar a Medicina, ilustrado com os Apontamentos para estabelecer-se uma Universidade Real na qual deviam aprender-se as Ciências humanas de que necessita o Estado civil e político*, publicado em Paris em 1763 (6) (sem nome do autor).

Por isso entendi aproveitar publicamente este ensejo para, embora modestíssimamente, homenagear o autor e esta última obra que no corrente ano perfaz dois séculos certos, homenagem tanto mais compreensiva quanto sobre um e outra, ao que sei, dentro ou fora das nossas Universidades, se não ter feito nesta

data a justa consagração que merece, bem como a crítica que ainda possa ex'gir (7).

Preito tanto mais justo quanto, como veremos, Ribeiro Sanches foi um grande e indefectível patriota que jámais deixou de pensar na Nação portuguesa, nos seus problemas educativos e nas suas necessidades, apontando e corrigindo erros, indicando soluções, posto que nem sempre boas ou curiais, por vezes incompletas, políticas, docentes, religiosas. Tanto e por tal forma que o Governo português o desejou, como dissemos, para ensinar em Coimbra e que o Rei de Portugal lhe concedera valiosa bolsa de estudo, durante muitos anos, mesada que inteligentemente patrocinavam proeminentes figuras de ministros e diplomatas, leais servidores do Rei, como D. Rodrigo de Sousa Coutinho e D. Luís da Cunha.

Pois desse seu amor pátrio, nunca diminuído por vis ressentimentos, é prova incontestável e nobilíssima a sua doutrina da defesa do poder Real; o seu combate às influências estrangeiras (no falar, no vestir, no viver) na vida portuguesa; e a sua obra sobre o modo de conservar as conquistas e colónias portuguesas, onde se lêem palavras que bem merecem hoje a nossa meditação (8). Sem esquecer quanto propugnava, na Reforma da Universidade — que veio a fazer-se em 1772, nove anos depois, a necessidade e obrigação do conhecimento directo das nossas províncias Ultramarinas pelos estudantes que se formassem em Coimbra e sob a direcção da mesma Universidade (9).

É esse passo que leio já, para vincar o sentido patriota de Ribeiro Sanches. Aí o tendes na íntegra:

«Quando tratarmos das viagens que devem fazer os que tivessem acabado os seus estudos, por ordem desta Universidade, e com quem se corresponderia, então proporemos a necessidade que tem o Reino de médicos versados na História natural para indagarem o que têm as nossas conquistas e colónias de útil para a Medicina, para as Artes e para o comércio: método de que têm usado todas as Nações da Europa com tanto aumento das Ciências e dos seus Estados. O que seria da incumbência da Universidade...»

E quanto ao que escreveu sobre o nosso Ultramar — com pontos

M E T O D O
PARA APRENDER E ESTUDAR
A MEDICINA,
I L L U S T R A D O

*Com os Apontamentos para estabelecerse huma Uni-
versidade Real naqual deviam aprender-se as
Sciencias humanas de que necessita o Estado Civil
e Politico.*

*Do
Dr. Antonio Nunes Ribeiro
Sanches.*



*to
m. rara e estimada*



M. DCC. LXIII.

FIG. 1

Portada do *Método*, de Ribeiro Sanches. Paris, 1763.
Exemplar da secção *Reservados* da Faculdade de Medicina do Porto

discutíveis, naturalmente — basta que se colha e recolha o sentido geral da sua doutrina neste trecho:

«Se a Inglaterra tivesse usado com a sua América setentrional como os romanos com as suas colónias e reinos e repúblicas conquistadas, não estaria agora em guerra civil com os americanos revoltados...»

Escrevia ao tempo das guerras da independência dos actuais Estados Unidos.

E em outro ponto escreveu Sanches:

«Portugal devia incorporar as suas colónias e organizá-las de modo que entre os habitantes nenhuma outra distinção houvesse que não fosse a que resultava do campo que desempenhassem».

Este conselho de integração nacional, felizmente satisfeito, é núcleo da nossa melhor defesa contra os que não conhecem estas e outras expressivas páginas que escreveram os melhores Portugueses sobre o sagrado património ultramarino que nos compete salvaguardar.

*

Dissera Camilo Castelo Branco um dia, ao referir-se a figuras relevantes do Setecentos português:

«Tem sido exclusiva e superabundantemente encomiado Luís António Verney, e quase esquecidos os seus cooperadores Francisco Xavier de Oliveira, e mais ainda ingratamente olvidado na Pátria quanto honrado no estrangeiro, António Ribeiro Sanches, e Alexandre Gusmão» (10).

Por seu turno, quando o nosso Ministro Sousa Coutinho pedia o patrocínio ao Governo português para Ribeiro Sanches, exilado voluntariamente em Paris, onde custosamente vivia, assim se referia ao ilustre médico:

«um português de tanto préstimo que nós abandonámos e que estimam tanto os estrangeiros» (11).

Exactamente por isso é que em Portugal surgiria outra insigne figura de médico e historiador, o Prof. Maximiano Lemos (a quem tive a honra de suceder na cátedra) que devotara grande parte da sua vida e do seu dinheiro ao estudo da biografia de Ribeiro Sanches, pelo que o Governo português o incumbira de missão especial em Paris, por diploma de 1 de Agosto de 1909.

Saldou-se, dessa feita e desse jeito, uma grande dívida. E hoje, corrido mais de meio século sobre a publicação da biografia de Ribeiro Sanches, que mencionámos — editada pelo livreiro português Eduardo Tavares Martins, evocam-se nesta sala e nesta Universidade as obras com que também concorreram, de modo curioso, para o progresso da Pedagogia no nosso país.

Parece-me que numa Faculdade de Letras, em que estão integrados os estudos das Ciências pedagógicas, fica bem ajustada esta nota que preparei com o sentido de ser útil à História da Educação no nosso país.

*

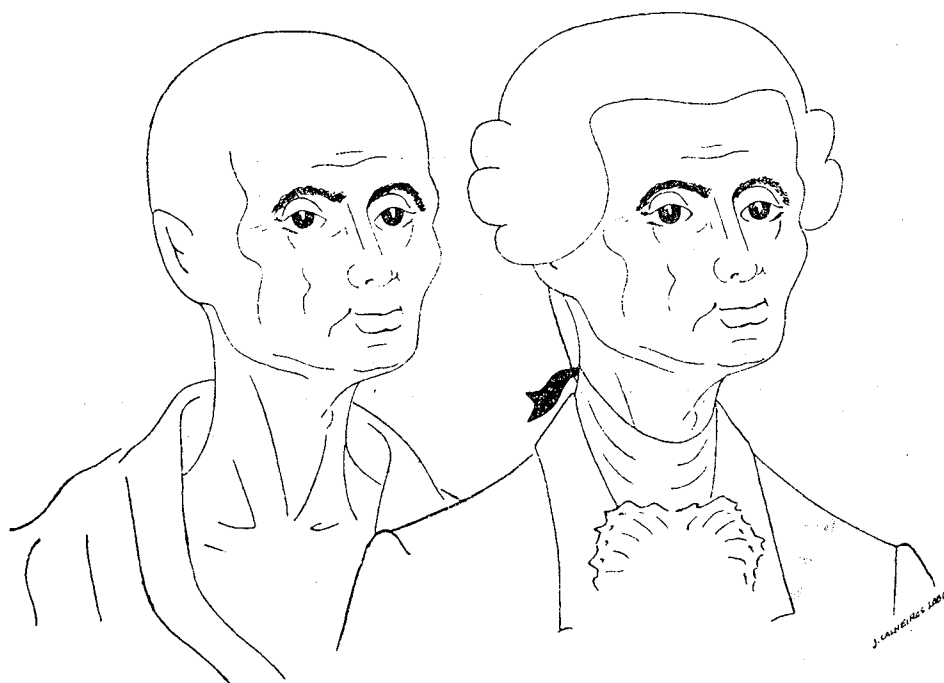
Publicava em 1909 o mirandês Dr. Manuel Ferreira Deusdado um curioso volume que intitulou *Bosquejo histórico de puericultura. Educadores portugueses*, que dedicou à Nação brasileira. Foi nesse prólogo que o ilustre académico escreveu estas palavras:

«Não se serve a Pátria, unicamente, afrontando a morte nas fileiras dos exércitos; serve-se também a Pátria, quando pela educação, doutrinando a verdade e o bem, se lhe formam filhos capazes de exercitarem com nobreza os deveres domésticos e sociais...»

Servia a Pátria, ele próprio Deusdado, «escrevendo a História dos nossos Educadores Nacionais e tornando conhecidos os seus ensinamentos».

O Prof. Delfim Santos, apontando-o como filósofo neo-kantiano e posteriormente tomista, afirma (no que concordo inteiramente) que o inesquecível estudioso procurara no seu livro *Educadores portugueses*, através da História, «a linha directriz de uma pedagogia nacional» (12).

Todavia, este distinto mestre que foi no Curso Superior de Letras de Lisboa e que aí regeu um curso de *Psicologia aplicada*



ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES

Fig. 2

À esquerda, retrato de Ribeiro Sanches, segundo o único conhecido, como o traçara um artista clássico. À direita, como seria na *realidade* o ilustre médico, que usava cabeleira (vide o que sobre isto explica, segundo informações nossas, na sua tese de Licenciatura, em 1957, o Dr. José Calheiros Lobo, *Ribeiro Sanches e a Higiene Militar*, elaborada no serviço de História da Medicina, que dirigimos).

à *Educação*; que era *doutor honoris causa* da Universidade de Lovaina; este distinto mestre não insere devidamente Ribeiro Sanches, nem suas obras, como as *Cartas sobre a educação da Mocidade*, de há 201 anos, livro que, no entanto, lhe dá incontestável direito a essa honra. Esquecimento esse tanto mais singular quanto nas suas páginas aponta outros nomes de muitíssimo menor valia.

Já o mesmo não sucede com outros historiadores da Cultura nacional, pois pode ler-se na *História da Literatura* do ilustre mestre e Reitor do Liceu de Sá Miranda, em Braga, Dr. Feliciano Ramos: «a sabedoria e a distinção científica do médico Ribeiro Sanches honram a inteligência portuguesa do século XVIII» (13).

Ricardo Jorge viria a ser, de sua banda, um dos mais notáveis comentadores da obra desse ilustre português.

*

Como acertadamente disse Paul Monroe (14), Rousseau havia gerado ideário para a reforma social, familiar e política do Homem.

O *Emílio* é o expoente singular desse ideário em muito o que roça a educação da Infância e da Juventude. Surge e vinca-se a marca naturalista desses processos pedagógicos de onde brotaria a *educação nova* e, nela inclusa, a *Escola Nova* do século pretérito, a dar particularíssima atenção às tendências naturais da criança.

Basedow, Pestalozzi, Froebel ou Herbart, como outros messias, explicam-se por esse fenómeno setecentista.

Os fogosos revolucionários do século XVIII, um Mirabeau, Condorcet ou Talleyrand riscam audazes planos de educação humana, firmes nos pilares mores da Liberdade e da Igualdade.

A Pedagogia revolucionária do período agónico de setecentos está toda no plano de Condorcet, de 1792, com seus graus de ensino sistematizados, com os que universalmente hoje se aceitam.

Verney e Sanches já não eram deste mundo para exultarem com as bases do ensino para as Mulheres, previsto no projecto condorcetiano.

Se não faltaram adversários da instrução feminina e até do próprio sexo feminino — a triste empresa encontraria singular paladino em Albino Forjaz de Sampaio, entre mais — também não escassearam os defensores da Mulher, em todos os tempos e em vários aspectos.

E alguns, médicos, como no século XVII o Dr. Cristóvão da Costa, um dos pioneiros da nossa Medicina tropical, sequaz de Garcia de Orta, que em 1612 deitara ao prelo um *Tratado en loor de las mujeres*, numa tipografia da cidade de Veneza.

Já o Licenciado Rui Gonçalves, em 1557, escrevia um interessante livrinho sobre *privilégios e prerrogativas que o género feminino tem por direito comum*, etc. (15).

O Dr. Cristóvão da Costa defendera denodadamente as mulheres letradas e sábias, chamando aos seus maldizentes, como lembrei há muitos anos:

«hombres mundanarios, malvados, y peores que bestias, mentirosos, lisongeros, enganadores, blasfemos, compañeros y miembros de Sathanas!»

Isto é para um homem se meter pelo chão abaixo!

Cristóvão da Costa ofereceu o livro à Sereníssima Infanta D. Catarina da Áustria e explica que o escreveu para «confundir um mordaz murmurador de las mugeres», em resposta a uma carta que lhe escreveu esse companheiro de Satanás. Mais adiante, amostra o texto duma carta que certa dama de Vallasolid mandou ao autor, em nome de todas as mulheres.

*

Em paupérrimo artigozinho de há 25 anos, acerca da obra desse médico português, evoquei tantas das ilustres representantes do sexo feminino cujos nomes perpassam nas mais diversas crónicas (como em algumas recentes, quanto a Portuguesas, de um Conde de Sabugosa ou de um Júlio Dantas).

Então evoquei, dizia, os de mulheres notáveis que esplendem na História da Medicina, desde as antigas Santa Hildegarda, Agamede, Origénia, Verecunda, Vitória e outras, como as mestras da escola médica de Salerno, Abdela ou Trótula; Doroteia Bocchi e Ana Manzolini, da Universidade de Bolonha; Josefina Ioteiko e Milina Lipinska, autora de uma *História das Mulheres Médicas*. E entre tantas outras damas sábias, como esqueceremos uma Maria Skolodowska — Madame Curie; ou uma Doutora Dunbar, bandeirante americana da doutrina psicossomática em Medicina? (16)

Entre nós, aí estão médicas distintas portuguesas, como D. Domitila de Carvalho; ou Maria Pais Moreira ou Leonor da Silva, ambas do Porto — esta Delegada de Saúde e Assistente na Faculdade de Medicina; ou ainda D. Maria Vanzeler, agora Directora Geral da Saúde. E posto que falámos em Saúde, e desta Senhora, evoque-se o nome da devotadíssima apóstola prática da vacinação anti-variólica aqui na região do Porto — D. Isabel Vanzeler, sua longínqua parente; de par com as ilustres Senhoras que tanto amor e devoção dedicaram à Infância, nesta cidade, a Condessa de Lumbrales ou D. Ana Guedes da Costa. O que poderíamos ainda dizer sobre este ponto!

Sem esquecer que em França, há 25 anos, três distintas senhoras eram nomeadas Sub-secretárias de Estado: as Senhoras Brunswig, Julliot-Curie e Lacose, a primeira para a Educação Nacional, a segunda para a Investigação Científica e a última para a Protecção à Infância.

Hoje, não escasseiam já mulheres Ministras, Embaixatrizes e quejandas titulares. Já o celebrado — e por vezes bem tristemente celebrado Cavaleiro de Oliveira, na sua *Recreação periódica*, do século XVIII, escrevia um capítulo para demonstrar *que, se é impróprio, não está interdito às damas o papel de embaixatrizes*. E aí diz:

«se uma senhora pode subir ao trono, governar um reino, nomear e delegar embaixadoras, por que razão não havia de ser investida num cargo de muito menos latitude e responsabilidades?».

E lembra que um Pontífice romano, do mesmo nome do actual, Paulo III, se negara a receber certa Condessa embaixatriz, para em seguida fazer doutrina em bula própria, vedando audiência no Vaticano a qualquer mulher investida daquelas funções. Isto no século XVI. Como os tempos mudaram...

O Cavaleiro de Oliveira, tão devoto do belo sexo — e tanta vez por ele perdido, não louvava terçarem-se armas pela sua instrução. Dizia ele:

«De certo que a mulher não é destituída de aptidão para as ciências; a prática das ciências é que lhe é avessa».

Mais adiante: «para a vida interior e caseira é que ela está fadada»; e «muitos dos encómios que lhes tecemos se devem lançar à conta de favor que não de mérito».

Depois de comparar a mulher douta a uma arma muito bem lavrada e rica ou a um cavalo de circo — aquela não presta para a guerra, esta não serve para a caça — o Cavaleiro de Oliveira confessava:

«às damas voto um affecto, estima e respeito sem limites. Não pretendo negar-lhes poder de raciocínio e discernimento. Conheço, mesmo algumas muito criteriosas e desenganadoras. Mas persisto em crer que raramente o entendimento delas é dotado de todas as disposições necessárias a tentar com jeito o estudo das Ciências abstractas».

«Examinar e profundar os mistérios da Natureza e decompor-lhe os elementos, mergulhar no abismo dos tempos e sujar os dedos na poeira dos séculos, não é compatível com a sua índole, nem susceptível das suas forças».

O que diria esse censor de há duzentos anos se visse o trabalho de ilustres Mestras universitárias nossas, de D. Carolina Michaelis, que Deus já lá tem há muito, às Doutorãs Virgínia Rau, Maria Helena da Rocha Pereira, Maria Colaço ou Maria Belchior?

Para findarmos a evocação deste censor feminino de setecentos, só mais estas palavras suas, que não passam de graciosas:

«O Rei Numa promulgou várias ordenanças, muito severas, contra o falatório das mulheres, chegando a proibir-lhes o uso da palavra, excepto quando o marido fosse presente.

A observação desta lei não remontou até nós; nem poderia ressuscitar-se, tão diametralmente é oposta aos modernos usos e costumes da grei feminina».

«Numa, se voltasse e tomasse a peito o cumprimento da ordenança, mandava matá-las a todas; e ficávamos viúvos; e extinguir-se-ia o género humano».

Mas, deixemos o Cavaleiro de Oliveira. Tempo houve em que certas mulheres, como sabeis, tiveram de vestir-se e fazer de homens para entrarem na Universidade e em actos académicos obrigatórios.



Fig. 3
Ribeiro Sanches
Retrato reconstituído (vide fig. 2).

Há dias um ilustre mestre de Cultura Espanhola na Faculdade de Letras de Coimbra, o Dr. J. Viqueira, recordou uma dessas audazes donzelas, em episódio gostoso teatralizado pelo excelente Tirso de Molina, que era Frei Gabriel Teles, religioso mercenário.

Do estratagema usou, entre nós, a famosa e formosa Públia Hortênsia de Castro, na Universidade de Coimbra, sem deixar de assombrar por sua estranha eloquência o claustro da Universidade henriquina de Évora, onde defendera tese aos 17 anos.

Não podemos olvidar no rol distinto das cultas mulheres portuguesas (17) a Infanta D. Filipa, filha do malogrado D. Pedro, pintora, poetiza, latinista; D. Leonor de Mascarenhas, D. Leonor de Noronha; Joana Vaz, a *Lysiae clarissimus aulae splendor*, mestra de Latim; a Infanta D. Maria, bela e majestosa no talento e nas graças corpóreas e morais; Luísa Sigeia; D. Joana da Gama e Paula Vicente e outras mais, que já não cabe agora repetir e tão conhecidas são todas.

De tanta e já amplíssima História da Educação feminina em Portugal — mormente da que concerne à sua missão político-social, é conspecto curioso — embora mereça fortes reservas em certas de suas conclusões — o livro de D. Virgínia de Castro e Almeida *A Mulher-História da Mulher-A Mulher Moderna-Educação*, publicado em 1913.

Outra Senhora, D. Maria Amália Vaz de Carvalho escrevera também sobre as Mulheres a mor parte das suas páginas. Num dos seus livros, *Impressões de História*, de 1911, figuram os capítulos sobre a *Mulher francesa e a portuguesa no século XVIII*, curtíssimo comentário do tema; *mulheres e politica*; e *inquérito feminista*.

Mais de meio século passou. Passaram muitas dessas páginas, mas outras mereceriam ponderação do eterno feminino, nesta tentativa heróica de desmentir a *subalternidade fisiológica e intelectual*, ante o eterno masculino, falsa subalternidade apregoada pelo famoso Augusto Comte.

É, porém, com esmagadora prevenção e preocupação que se lêem ainda hoje, as palavras da ilustre esposa do poeta Gonçalves Crespo, ao aludir à infalível prepotência do Útil sobre o Belo, no aspecto da educação feminina e suas conquistas. A era da Beleza dera o passo ao Utilitarismo.

São estas as suas opiniões (18):

«Da *Acrópole* até uma gare de Nova Iorque o caminho ainda pode bem simbolizar o nosso afastamento dessa beleza inicial que nos embriagou!

Dela restam vestígios, ruínas, fragmentos, visões, evocações individuais; a lei moderna, contudo, chama-se Utilidade e não Beleza!

Que importa que factos isolados — diz D. Maria Amália — contrariem esta asserção, se, vistas as coisas no seu conjunto, ela se impõe esmagadoramente!».

E, mais adiante, sintetiza — síntese espectacular, mas não curial:

«A Fome e o Amor fizeram as Civilizações sobrepostas que precederam a nossa, a que se prepara não terá amor nem fome!

Bastar-lhe-á isso, ou, antes, conformar-se-á com isso só?»

Saltou já sobre nós meio século, depois que isto se escreveu, creio que convictamente. Será assim como previra a ilustre Senhora?

*

Quem nos diria que esse extraordinário tripeiro que foi Ramalho Ortigão, com expressiva estátua aqui bem perto desta casa; quem nos diria que nas suas *Crónicas portuenses* (19) assim aluda às mulheres letradas:

«A Mulher que publica um livro, diz Alphonse Karr, produz dois calamitosos desmanchos na sociedade: o primeiro é dar-lhe um livro; o segundo é empalmar-lhe uma mulher.

«Estou pelo dito do francês» escreve Ramalho, «divrinho escrito por senhora, cá para mim, significa sempre um duplo desaire.

A mulher que faz livros transcura a sua missão, desfita o alvo de seu existir, transvia-se da sua trilha, rescinde os seus direitos, deixa de ser mulher, fica sendo tão sòmente a fêmea do homem, ou antes um homem-fêmea.

Quem perde neste jogo é a triste humanidade!

Eu de mim aconselharei sempre às mulheres que não escrevam...».

Que diria hoje, se vivo fora, Ramalho Ortigão, ao ver por esses armários e mostruários de livreiros tantos e tão belos livros de senhoras portuguesas, de História, de Direito, de Economia, de Ciência, de Poesia, de Romance!

O que poderíamos ainda aqui comentar sobre o capítulo vigésimo terceiro de *Uma campanha alegre* (Farpas, II Vol.), de Eça de Queirós, que o autor abre com dizer: «a valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães». O homem é «profundamente filho da mulher», disse Michelet.

O que ali não censura, critica, verbera ou estigmatiza Eça na educação da mulher, que em seu modo de ver não sabe andar, não sabe rir, não sabe comer, não sabe vestir, não sabe trabalhar, enfim, resumiríamos nós, não sabe viver!

Reportando-se aos estudos femininos nos colégios, nada o satisfaz ou contenta. Tudo mal, tudo mau! Para onde nos puxaria a leitura integral deste capítulo onde Eça compara a educação feminina à francesa ou à inglesa, que deveriam de ser paradigma em Portugal.

Na verdade, ante a mulherzinha portuguesa do seu tempo, que classifica de preguiçosa, medrosa, vaidosa, de «músculos sem exercício, pulmões sem ar, circulação comprimida e digestão estrangulada», Eça escreveu (20):

«A sua preguiça é um dos seus males. O dia de uma menina de dezoito anos é assim dissipado: almoça, vai-se pentear, percorre o *Diário de Notícias*, cantarola um pouco pela casa, pega no *crochet* ou na costura, atira-os para o lado, chega à janela, passa pelo espelho, dá duas pancadinhas no cabelo, adianta mais dois pontos no trabalho, deixa-o cair no regaço, come um bocadinho de doce, conversa vagamente, volta ao espelho, e assim vai puxando o tempo pelas orelhas, derreada com a sua ociosidade, e bocejando as horas».

Ó meu insaciável e progressista Eça, estou a ver como pularia de gozo, entalado nessa órbita ossuda, o teu gulosíssimo monóculo, se ouviras e viras tantas e estupendas conquistas das donzelas e das damas deste pachorrenco Portugal contemporâneo!

O médico e cronista feminino Júlio Dantas, que a Universidade de Coimbra doutorou *honoris causa*, galante poeta e não menos galante prosista, deixou-nos algumas impressivas páginas de história social que não deixam de ter seu valor, sabendo-se quanto o autor procurava por arquivos e bibliotecas a documentação precisa.

Muito fantasiara depois, é certo, sobre esses documentos. Pois é no *Amor em Portugal no século XVIII* que Júlio Dantas imagina o que era uma menina portuguesa de 1720, isto é, do tempo de Ribeiro Sanches e de Luís Vernei: e sem nos dizer mais do que estes disseram. Passo a ler o trecho, para lembrar que a mulher, entre nós:

«vivia à mourisca. Não abria uma rótula; não assomava a uma janela.

Passava os dias no estrado, de pernas encruzadas sobre uma esteira, rodeada de criadas e de moças, vendo luzir a mainça do fuso ou cosendo lençóis de três ramos. Fiava, paria, chorava. O vento da França, na sua revoada frívola de polvilhos e de jóias, de leques e de sinais, não conseguia varrer de todo os velhos costumes árabes do povo português».

Aquela *revoada frívola* enrodilhava também os rapazes. Ribeiro Sanches, em sonoro repto patriótico, verbera os lenços dos escolares de Coimbra, a volta e punhos de cambraia, que se não fabrica em Portugal; o gasto em engomadeiras; as 15 lojas estrangeiras na rua da Portagem, em Coimbra, onde os estudantes compravam escandalosamente meias, fivelas, luvas, estojos, tesoiras e tudo o que vem de França e de Inglaterra.

Em vez de vestir modesto que era o traje académico da loba com capa, viera para Coimbra, de Lisboa, em 1718, o uso da *abatina*, que custava mais do triplo.

E prescreve Sanches que todos, Mestres e estudantes, vestissem do mesmo modo e com material que se fabricasse na pátria! (21)

*

Mas, voltemos à educação das meninas portuguesas, para lembrar o que as Senhoras Marquesa de Nisa e a de Arronches pensavam sobre a saída à rua das pobres enclausuradas: apenas 3 vezes—: a *baptizar, a casar e a enterrar!*

No mais, jogos de prendas, o dessa sociedade de 1730, «que desconhecia os mais nobres prazeres intellectuais, que não sabia conversar, que nem mesmo sabia divertir-se, obscurecida, deformada durante um longo século por uma educação de cavalariça e de oratório...», escrevia o sumptuoso cronista dos *Eles e Elas* ou do «*Amor em Portugal no século XVIII*». (22)

Lamenta-se, apenas, que se fale destes defeitos, que tais censores apontam, defeitos tipicamente portugueses. Por esse mundo fora abundam os mesmos. Assim o comprova em certa página o conselheiro do Ministério da Educação Nacional de França e Chefe de Serviço da «Recherche pedagogique» do «Centro National de Documentation pédagogique», Dr. Roger Gal, no seu sumário da *História da Educação*, de há poucos anos (23).

No século XVIII, escreve Gal, a mulher, confinada a uma certa missão social segundo as concepções seculares, e geralmente excluída de toda e qualquer outra actividade que não fosse a doméstica e caseira, não participava numa verdadeira educação. Ao evocar Fénelon (24) e o seu *Tratado de educação das raparigas* comenta Gal:

«oposto ao uso que fecha a menina nos conventos mundanos onde cresce numa profunda ignorância do século e de onde sai como pessoa que se tivesse encerrado nas trevas de uma caverna e que de súbito aparece à luz do sol, ele, Fénelon, quer que se abra a sua educação à luz do mundo e que a preparemos melhor para a vida».

O Bispo Fénelon, cuja doçura de trato, intenção de palavra e qualidade de preceptor de príncipes de França não impediram que o repreendesse a Santa Sé — a que humildemente se submeteu; Fénelon ecoará fartamente nas obras de Vernei e Sanches, como dissemos e ainda diremos, na mesma toada e com o mesmo timbre!

Ouviram o que registaram Ribeiro Sanches e Luís Vernei sobre a necessidade de instrução feminina. Passemos a outros comentadores, censores e tratadistas, dos inúmeros que, ontem como hoje, escreveram milhares de páginas sobre o seu conceito da Mulher e sua educação ou instrução.

Achei interessante e elucidativo procurar saber o que se pensava sobre Educação nesta cidade do Porto e seu meio escolar no século passado, dentro da sua ilustre Escola Médico-Cirúrgica, sempre interessada em problemas sociais, como o demonstram certos trabalhos que constituem antigas teses de fim do curso, ou, de nosso tempo, elaboradas nos serviços que dirijo, adiante referidas.

Fixemos-nos numa dessas teses, a de Manuel Barrigas, de há três quartos de século, defendida em 20 de Junho de 1888, à uma hora da tarde. Do júri, com quatro arguentes, fazia parte Ricardo Jorge, jovem catedrático de 30 anos.

O moço médico-cirurgião de 1888 é contrário à instrução superior da Mulher. Assim o exara numa das proposições finais, a de *Higiene*, nesse livrinho que intitulou *Um capítulo de higiene social. A instrução superior da mulher*:

«Condenamos a igualdade de instrução nos dois sexos!»

Ao abrir do prólogo confessa o duro censor:

«o que adiante vai será pouco racional, pouco sensato, menos justo, até, mas é sincero e sentido».

Afirmando que o tema é de palpitante actualidade, «pela influência que deve vir a ter, sobre o nosso futuro intelectual e físico, a nova direcção dada à actividade feminina», lembra o exemplo dessa liberdade de instrução feminina que viera de Inglaterra e Estados Unidos; evoca os defensores da corrente que aplaudiram as mulheres sabedoras e literatas, a cujo serviço punham a pena «como outrora os paladinos a espada»; e pergunta o que se tem feito entre nós para estudar o caso, nas suas relações com nossos costumes, ideais, temperamentos, etc.

Lembra Molière, os sansimonianos e Stuart Mill, defensores da sabedoria da Mulher, este muito preocupado com a «organização do seu parlamento feminino», mas chama ao seu lado os que não aplaudem as mulheres sábias, tais Montaigne, Spencer, Diderot, Broca e Virchow, a própria Madame de Staël, como Necker e Roussel, Kant e Goethe, ou ainda Condorcet que, apesar

das suas veementes doutrinas igualitárias, não acompanham os defensores daquela instrução.

E lá vem, como sempre acontece no alvor da coisa nova, a ameaça de perigos. Nos Estados Unidos, diz o jovem médico-cirurgião de 1888, já havia quem se arrepelesse contra a «doutorice» feminina, contra a «atrofia física e intelectual a que, em semelhantes condições, fatalmente é condenada» a Mulher!

Para justificar-se, vai às páginas dos neurólogos e antropólogos para demonstrar que as capacidades e funções intelectuais da Mulher e, portanto, a sua estrutura orgânica, são inferiores às do Homem. Neste capítulo e neste tom quantos doutrinadores poderíamos aqui mencionar, daquela modesta Escola às dos mais importantes centros científicos e literários do Mundo.

Põe este finalista na equação outros elementos constituintes do ser humano, cujo desenvolvimento ou constituição são desfavoráveis a que ambos os sexos «possam seguir a mesma senda e vencer os mesmos obstáculos». Em seguida e por algumas páginas mais aduz argumentos de vária espécie para a sua tese, mormente os de ordem médica que, na verdade, assustavam o menos timorato, tais as afirmações de Hertz, de Kei, de Goodhart, Bystroff e outros.

Goodhart, por exemplo, declarava, em 1834, que a «mocidade feminina que se dedica ao professorado tem em geral uma triste sorte, fica nervosa, fraca e propensa a afecções cerebrais. Bystroff diria quase o mesmo.

O temor chegava a tal ponto que nos Estados Unidos o Dr. Clarke perguntava, ante os desastrosos efeitos da igualdade da instrução nas suas conterrâneas, se «antes de cinquenta anos, os seus compatriotas não teriam, para perpetuar a raça, de vir procurar esposas à Europa».

Os cinquenta anos já passaram há muito. Os sociólogos, estadistas e diplomatas, que respondam... E a Europa também!

Comenta o defensor desta tese: «o que na Inglaterra e Estados Unidos é já um mal, seria no nosso país uma lástima».

É deste modo que termina o capítulo: «Sejamos sensatos, e que não pareça querermos vingar-nos do sexo frágil, impelindo-o para um caminho fértil em males.

Nem me parece que haja pai ou mãe que prefira a vaidade idiota de ter na família uma filha doutora, à satisfação de criar uma mulher robusta e vigorosa».

Quereis ouvir agora uma das suas hoje curiosas, impressionantes ontem, deduções científicas? Aí a tendes: «é notável que em Portugal ainda nenhum dos professores das Escolas superiores se tenha lembrado de doutorar as filhas; nenhum português, que eu saiba, de competência científica provada, se lembrou disso!» Isto em 1888, há pois setenta e cinco anos.

Que voltas o mundo dá, Santo Deus. Quem diria, três quarteirões de anos volvidos que a estatística oficial nos informasse que:

- de 24 300 professores primários, 3000 são homens e 21 000 mulheres
- Num total geral de 1 148 000 alunos, cerca de 620 000 são do sexo masculino e 530 000 do feminino.
- No ensino primário, de 24 500 professores, 3000 são Homens, 21 000 mulheres (números aproximados).
- de 2072 professores de Ensino secundário 915 são homens, os demais senhoras
- de 112 500 alunos de Ensino secundário, 57 000 são rapazes e 55 500 raparigas (números redondos)
- de 1134 alunos de Ensino artístico, 470 são raparigas
- de 24 000 alunos de Ensino superior, 17 000 são rapazes e 7000 raparigas (números redondos)
- de 4800 alunos das Escolas Normais, 1100 são homens 3 3700 são Senhoras (números redondos)
- Nesta Universidade do Porto, ao que me informou o seu ilustre Secretário Geral, matricularam-se este ano, nas diversas Faculdades, 4358, dos quais 1392 são meninas (cerca de 31 %).

E nesta Faculdade de Letras, em Filosofia e História, estão inscritas 144 senhoras e 109 homens. Na secção de Pedagógicas, 152 senhoras e homens 92!

Devo informar, com certa surpresa, que a Estatística oficial não dá, como para os outros quadros docentes dos graus de ensino citados, o número dos Professores do sexo feminino nas Escolas Superiores.

Todavia, só nesta Faculdade de Letras, em 11 Professores, Encarregados e Assistentes, 3 são muito distintas senhoras.

Voltemos à tese do moço médico-cirurgião de há 75 anos para ouvi-lo, como a tantos outros de ontem e de hoje:

«Falem agora, às nossas *doutoras*, em costura ou em qualquer dessas pequenas coisas que uma boa dona de casa deve saber!

Verão! Espíritos superiores pairam nas alturas da Ciência pura, e os futuros maridos devem ficar bem interessantes, de touca na cabeça, embalando os *pimpolhos* ou tomando notas sobre a roupa branca.»

Este dito tem três quartos de século!

E acentuando os desaires sociais de algumas doutoras do seu tempo, que não lograram vencer a vida profissional que haviam escolhido, fala o nosso jovem esculápio dos deveres equivalentes aos direitos das mulheres:

«Nem sei qual a razão porque a mulher que, por um requinte de felicidade, possa aspirar ao goso inefável de, como doutroira de capelo, guiar a imagem de S. Roque em procissão, não há-de estar sujeita, em condições menos prósperas, à obrigação de fazer um quarto de sentinela».

Como soldado que deverá vir a ser!

Depois, alude às futuras médicas, cujo futuro antevê muito negro. E propõe que a mulher se instrua, sim, para melhor saber governar a sua casa, educar os seus filhos, cooperar com seu marido, colaborar nas obras sociais. E para isso sugere escolas próprias: economia doméstica, contabilidade, corte, higiene feminina e infantil, etc., assim ao jeito do audacioso Verney.

Todavia, o moço invectivante do acesso feminino ao ensino superior perguntava:

«porque não principiam, aqueles que tem a seu cargo a educação feminina, por estudar este processo de ensino tão sãbiamente pensado, antes de tomar por modelo as excêntriciades de outros países?

E se quer exaltar a ~~mulher~~, não há tanto a fazer em seu proveito, sem a prejudicar?

Não há, por exemplo, nos códigos civil e penal tantas injustiças, filhas da falsa noção da inferioridade feminina que presidiu à confecção das leis que aí se acham compendiadas?»?

E voltando a proscrever a igualdade dos sexos pela instrução, que só conseguiria tornar a mulher duplamente estéril, perante a espécie e perante a sociedade, remata a sua tese de 57 páginas este intolerante finalista:

«Direi como Talleyrand: é pena que se inutilise uma tão bela parte do género humano (a ela, a Mulher) para num século ter uns tantos homens a mais...» que seriam as mulheres sábias, a que no teatro se referiu Molière!

Devo informar que esta tese do jovem médico-cirurgião Manuel Ferreira Correia Lopes Barrigas foi aceite pela Escola portuense respectiva, que a aprovou plenamente.

Mais tarde Paulo Mantegazza, no livro *Fisiologia da Mulher*, consideraria a pugna dos sectários e dos adversários da cultura intelectual do *sexo fraco* como debate ainda aberto (cap. IV).

Já mencionei outras teses de Licenciatura, obrigatórias pela nova Reforma médica de 1955, que versam assuntos de História da Higiene político-social, como seja esta da Educação ou da Pedagogia nas suas relações com a Medicina, todas elas elaboradas, como disse, nos serviços que dirijo e que todas orientei.

Mas outras (chamadas dissertações inaugurais) se escreveram e apresentaram à Escola e Faculdade, antes dessa Reforma. Merece a pena lembrá-las, agora, numa Faculdade como esta, em que se estuda Pedagogia e numa cadeira própria a História da Educação.

Já em outro estudo havíamos elaborado o esboço dessa História. Assim, de 1879, a tese de Emílio Cruz trata da *Higiene das escolas* (1857); a de Frederico Correia Vaz, *Algumas palavras sobre as relações da Educação Física e moral com a Patologia e a Sociedade*. (1883); António Campos, *Rápidas divagações a respeito da mulher e do casamento visto à luz da sociologia e da higiene* (1888); José de Araújo J.^{or}, *As mulheres médicas* (1879); Armando Chaves, *Crianças — Educação e Higiene*, 1902; etc.

Das recentes (1960), a tese de Manuel Monteiro de Araújo con-

sidera. A *Escola Médica portuense na História da Educação*, incluindo nesta a Puericultura médica.

Arrolamos, a seguir, as espécies congêneres que versaram os referidos assuntos. Maria Salomé Martingo escreveu, também naquele ano, a sua tese sobre *A Puericultura na obra de José Pinheiro Soares*; e Maria do Céu de Oliveira Zagalo, como já dissemos, sobre *Elementos para o estudo crítico-histórico da educação da Mocidade* (a propósito das *Cartas* de Ribeiro Sanches), de 1958. Ainda em 1960 Maria Guedes de Almeida a sua tese sobre *o Estudo da educação infantil no séc. XVIII*.

Sem contar tantas outras dissertações preparadas no nosso serviço de Psicologia médica, de tanto interesse para os estudantes de Ciências pedagógicas, como a mais recente de D. Sofia Moreira, Assistente de Psicologia escolar nesta Faculdade, que redigiu a sua tese de Licenciatura sobre *O Teste de Vermeulen. Algumas observações*, em crianças de escolas do Porto (1963).

A figura e obra de Martinho de Pina e Proença são versadas em algumas dessas teses (como, já o dissemos, o foi Ribeiro Sanches) nos pontos em que interessam à Psicologia pedagógica e à História da Educação.

*

Vem a propósito recordar que, de entre outras obras que se devotam ao problema da educação da Infância e da Juventude (posto que raras), regista-se a de Martinho de Pina e Proença, da geração dos Pinas da Guarda, que deram e dariam tantos homens de letras e da História, de Rui e Fernão a Francisco Pina e Melo e outros mais, obra que intitulou *Apontamentos para educação de um menino nobre*, dada a lume no ano de 1734.

Um outro livro, de Francisco de Almeida, é o *Tratado de educação física dos meninos*, este de 1791.

E pouco mais. É de lamentar, todavia, que aos estudos da educação da Mocidade feminina não tivessem prestado atenção os nossos velhos puericultores. Não vejo por aí, ao tempo de Martinho de Pina, obra que se lhe assemelhe, quanto ao que deixo lembrado.

*

Entra francamente na História da Educação feminina portuguesa o nome, sem dúvida insigne, de Luís António Verney.

Descontados os exageros e incompreensões em muitos dos pontos das suas doutrinas críticas ao nível e qualidade da cultura mental do seu tempo, no nosso País, é incontestável o respectivo influxo na sua evolução. Não vem para o caso ou nesta monção dissertar sobre o facto. Basta repetir as palavras do ilustre biógrafo de Verney e seu amplo comentador Prof. António Salgado Júnior, que foi distinto aluno da primeira Faculdade de Letras do Porto e hoje faz parte do corpo docente de um dos Liceus desta cidade, com singular evidência (25).

É nos prólogos da nova edição do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney, que Salgado Júnior (Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1950 e seg.) proficiente, arguta e superiormente comenta as celebradas *Cartas* críticas daquele curioso iluminista, sobre quem escreveram inesquecíveis páginas Cabral de Moncada e Ricardo Jorge, para citar alguns dos mais antigos de seus críticos. Dos mais, veja-se a substanciosa monografia de António de Andrade sobre aquele discutido vulto da cultura setecentista (26).

Pois oiçamos as palavras de Salgado Júnior, relativas à Carta décima sexta de Verney, que tem como apêndice um plano de estudos femininos, que data de 1742 (V, 123) ano da publicação do *Método*, capítulo esse que Deusdado e Ricardo Jorge haviam já sublinhado.

Dizem elas: «Este apêndice é um dos notáveis do *Verdadeiro Método* pela introdução em Portugal dum aspecto da Pedagogia de que não tínhamos ainda senão bem acanhadas provas — como, por exemplo, as que dá Francisco Manuel de Melo na *Carta de Guia*. Verney, quebrando violentamente com essa tradicional miopia, inaugura também a este respeito um capítulo novo nessa história pedagógica...»

Que nos diz então Verney sobre o assunto?

Exporemos sucintíssimamente as suas páginas, anteriores pelo menos 12 anos, ao plano de Ribeiro Sanches acerca do mesmo problema.

Lerei, apenas e textualmente, as palavras com que Verney começa esse capítulo:

«Parecerá paradoxo a estes Catões Portugueses ouvir dizer que as Mulheres devem estudar; contudo, se examinarem o caso, conhecerão que não é nenhuma parvoíce ou coisa nova, mas bem usual e racional. Pelo que toca à capacidade, é loucura persuadir-se que as mulheres tenham menos que os homens.

Elas não são de outra espécie no que toca a alma; e a diferença do sexo não tem parentesco com a diferença do entendimento.

A experiência podia e devia desenganar estes homens».

E comenta:

«ouvimos todos os dias mulheres que discorrem tão bem como os homens; e achamos nas histórias mulheres que souberam as Ciências muito melhor que alguns grandes Leitores que conhecemos».

E: «Se o acharem-se muitas que discorrem mal fosse argumento bastante para dizer que não são capazes, com mais razão o podíamos dizer de muitos homens...» Como está longe este comentador do arguto moralista D. Francisco de Melo, que no capítulo XXII da sua *Carta de guia de casados* (Mulheres ídolos, varonis e sóbrias) expõe doutrina tão oposta à do arcediogo, como no capítulo *Leituras* e outros !

Luís Verney assim sistematiza as matérias que deveriam ensinar-se às mulheres portuguesas: os assuntos da Fé, substituindo-se por catecismo histórico a cartilha velha do P.^e Inácio, com indispensável leitura da Bíblia; Português, Gramática, Aritmética, Geografia e História Sagrada; História Moral (principalmente grega e romana); História de Portugal, Economia doméstica, Trabalhos Manuais, Canto e Música, mas pouco; Dança, muito recomendável; mas Latim, só a algumas (Nobres e Freiras).

Citando o malogrado e instável Bispo Fénelon e outros autores italianos e franceses sobre a matéria, Verney vai dizendo, todavia, ao tratar da cultura feminina do tempo e do facto de aprendermos com mulheres, quando crianças:

— «que coisa boa nos hão-de ensinar, se elas não sabem o que dizem?»

Devem *elas* saber escrever correctamente:

«pois ainda não achei alguma que o fizesse...

pouquíssimas sabem ler e escrever; e, muito menos fazer ambas as coisas correctamente».

E assim:

«as cartas das mulheres são escritas pelo estilo das bulas, sem vírgulas, nem pontos; e alguma que os põe, pela maior parte é fora do lugar».

No capítulo ensino da *Economia doméstica* é amplo e excessivamente exigente.

«Deitar dinheiro à rua, como tantas mulheres fazem» é sole-

níssima loucura, clamava ele ante a feminina ignorância económica e financeira!

No que se liga aos trabalhos manuais, diz Verney que «as Senhoras ou desprezam o trabalho, ou só fazem coisas que era melhor que as não fizessem, porque são vaidades ridículas».

A Dança, mais que o Canto e a Música, devem interessar à Mulher pois por falta deste exercício, vemos muita gente que anda torta e com alcocorva, outras não sabem fazer uma mesura e quando entram em uma câmara em que está gente, não sabem encontrar as pessoas, cumprimentar com boa maneira...

O Latim não faria mal a certa qualidade de damas. Verney diz que encontrara algumas que sabiam mais Latim do que muitos professores que conhecera. Não carecem as mulheres de falar esse idioma, que ao menos o entendam. Assim as freiras entenderiam... o que lessem!

E remata Verney, como meio século antes dizia o Bispo Fénelon: «a educação das mulheres neste Reino é péssima; e os homens quase as consideram como animais de outra espécie...», recomendando que os Pais e Mães as ensinem melhor.

Está bem argumentado o facto de no século XVIII, mercê da influência dos iluministas Verney, Sanches, Cavaleiro de Oliveira e outros, prevalecerem nos textos reformadores educativos as doutrinas de Locke, Rollin, Hume e demais seis e setecentistas.

Quanto a Verney, como já dissemos, deixou valiosos comentários a respeito de alguns desses inspiradores de Cultura nova o Prof. Salgado Júnior nos prefácios dos 5 volumes da recente edição do *Método*, dado a lume pelo famigerado arcediago de Évora. De modo especial, é no III volume, em que se juntam as páginas de Verney referentes aos *Estudos Filosóficos*, que Salgado Júnior nos dá um excelente conspecto da época filosófica do reformador português na sua fidelidade às escolas estrangeiras, por modo singular à de Locke, cuja doutrina lúcidamente explica e sumaria.

Fidelidades essas que quase roçavam o plágio. Tal se nota no *Plano duma Lógica moderna*, que documenta — e bem o pontifica o crítico português (27). «Adesão completa» ou «submissa adesão» do arcediago ao filósofo inglês que tanto entusiasmará Voltaire e que Condillac viria a expandir com tanto ardor, mas que o fundador da História da Filosofia em França, Cousin e seu mestre

Royer-Collard (inimigo do sensualismo do mesmo Condillac) haviam de rebater duramente.

Rollin, Charles Rollin, que fora professor de Eloquência no Colégio de França, em 1688 e Reitor da Universidade de Paris; que havia de exercer imensa influência e conquistar espectacular sucesso com o seu *Traité des études*, «un des meilleurs codes de l'éducation publique», no dizer de certo crítico, não deixa de ter lugar especial na obra de Verney. Lá está o apêndice da carta sobre educação feminina a prová-lo. Como Rollin, o dito Fénelon, que com seu tratado *Education des Filles*, do ano de 1687, aparece francamente nessa parte da obra do nosso arcediogo reformador.

E Ribeiro Sanches? E esse indefectível e sequioso exilado português, que pensava ele, de Paris, sobre o problema educativo?

Nem Verney, nem Sanches se citam reciprocamente. Facto estranho, tanto mais que ambos coincidem em boa parte dos comentários e das soluções. O caso não pode explicar-se agora. Mas fique na memória que ambos escreveram os seus livros principais sobre *Método* de aprender e ensinar, palavra que sublinhamos e figura nos respectivos títulos. Verney dá-nos o seu método em 1742; Sanches, o seu em 1763, 21 anos depois, sem uma vez só mencionar o impaciente arcediogo, ao menos dessa parte tocante à remodelação dos estudos médicos. E Verney fora, contudo, seu cliente por correspondência...

O que pensava Sanches sobre a educação da nossa Juventude?

Nas *Cartas sobre a educação da Mocidade* impõe o que em seu entender devia realizar-se no nosso país. Esta sua obra pede, há muito, estudo amplo e completo, tão expressiva se afirma na História da Educação do nosso país.

Pioneiro do sistema das cantinas escolares, dos centros circum-escolares, da nacionalização da indumentária académica, de clubes de estudantes e outras iniciativas universitárias, Ribeiro Sanches foi quem propôs, no prefácio de uma edição dos *Lusíadas* de Camões, por si mesmo entusiasticamente promovido, em Paris, que o poema fosse ensinado nas Escolas portuguesas, como hoje o é (28).

Já em outros modestos estudos versámos alguns destes aspectos da obra cultural e pedagógica de Sanches, da qual muito nos ajudaria dar-vos aqui algumas amostras. Bastará lembrar que a ele se deve a criação do *Colégio dos Nobres*, o ensino da Moral Médica e da História da Medicina na Faculdade respectiva, etc.

Oigamos o que pretende com as suas *Cartas*:

«Não tratarei aqui daquela Educação particular, que cada Pai deve dar a seus filhos, nem daquela que ordinariamente tem a Mocidade nas Escolas. Seria supérfluo este trabalho à vista do perfeito livro que compôs aquele Varro Português Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, intitulado «Apontamentos para a Educação de um Menino Nobre» e de vários Autores que tratam da Educação nas Escolas, que relata Morofio no seu *Polyhistor Litterarius*. O meu intento é propôr tal ensino a toda a Mocidade dos dilatados Domínios de sua Majestade, que no tempo do descanso lhe seja útil, e à sua pátria: propondo a virtude, a paz e a boa fé, por alvo desta educação, e a doutrina e as ciências, como meio para adquirir estas virtudes sociáveis e cristãs. Nunca me sairá do pensamento formar um Subdito obediente e diligente a cumprir as suas obrigações, e um Cristão resignado a imitar sempre, do modo que alcançamos aquelas imensas acções de bondade e de misericórdia.

A Educação da Mocidade não é mais que aquele hábito adquirido pela cultura e direcção dos Mestres, para obrar com facilidade e alegria acções úteis a si e ao Estado onde nasceu. Mas para se cultivar o ânimo da Mocidade, para adquirir a facilidade de obrar bem e com decência, não basta o bom exemplo dos Pais, nem o ensino dos Mestres; é necessário que no Estado existam tais Leis que premeem a quem for mais bem criado, e que castiguem a quem não quer ser útil, nem a si, nem à sua pátria» (29).

Assombra-nos, todavia, como Ribeiro Sanches, um incontável pioneiro da democracia-cristã de nossos dias, considerava desprezivamente a instrução da gente modesta, lavradores ou operários, ele que tão liberal fôra toda a vida e tanto espírito de tolerância pregava e demonstrava!

Merece ouvir-se esse estranho passo das suas *Cartas*:

«Logo me perguntarão se toda a mocidade do Reino deve ser educada por Mestres, se o Estado há-de contar entre esta Mocidade o filho do Pastor, do Jornaleiro, do Carreteiro, do Criado, do Escravo e do Pescador? Se convém que nas Aldeias e lugares de vinte ou trinta fogos, haja escolas de ler e de escrever? Se convém ao Estado que os Curas, os Sacristães, e alguns Devotos cujo instituto é ensinar a Mocidade a ler e a escrever, tenham escolas públicas ou particulares de graça ou por dinheiro, para ensinar

a Mocidade, que pelo seu nascimento, e suas poucas posses, é obrigado a ganhar a vida pelo trabalho corporal? Com tanta miudeza me detenho nesta classe de Subditos, porque observo nos Autores tão pouca ponderação do seu estado; e é por tanto donde depende o mais forte baluarte da República, e o seu maior celeiro e armazém.

Os que querem e persuadem que a classe dos Súbditos referidos aprendam todos a ler e a escrever, e aritmética vulgar, dizem para provar a sua resolução que tanto mais se cultiva o entendimento, tanto mais se abranda o coração; que a piedade e a clemência são tanto maiores virtudes, quanto são maiores os conhecimentos das obrigações com que nascemos, de adornar o Supremo Criador, de obedecer a nossos Pais e Superiores, e de amar os nossos iguais.

É verdade, mas estes Autores levados do seu bom coração assentam estas máximas como se todos os homens houvessem de habitar no paraíso terrestre, ou não lhes ser necessário ganhar toda a sua vida o seu limitado sustento, com o trabalho de suas mãos, e com o suor do seu rosto. Que filho de Pastor quererá ter aquele officio de seu pai, se à idade de doze anos soubesse ler e escrever? Que filhos de Jornaleiro, de Pescador, de Tambor, e outros officios vis e mui penozos, sem os quais não pode subsistir a República, quererão ficar no officio de seus pais, se souberem ganhar a vida em outro mais honrado e menos trabalhoso? O rapaz de doze ou quinze anos, que chegou a saber escrever uma carta não quererá ganhar a sua vida a trazer uma ovelha cansada ás costas, a roçar de pela manhã até noite, nem a cavar» (pg. 287-288).

E explica então, o problema, com exemplo de além fronteiras, que, aliás, não aceita. Não é por actos cominatórios ou violentos que a fuga dos rústicos se resolvia. Escrevera ele:

«Há poucos anos que nos Estados del Rei de Sardenha se promulgou uma lei, que todos os filhos dos lavradores fossem obrigados a ficarem no officio de seus pais; dando por razão, que todos desamparavam os campos, e que se refugiavam para as cidades adonde aprendião outros officios: Lei que parece mal concebida, e que jámais terá execução. Se os filhos dos lavradores desamparam a casa de seus pais, é porque têm esperança de ganharem a sua vida com a sua indústria e intelligência; e já lhe não são necessárias

as simples mãos para sustentar-se; sabem ler e escrever; tiveram nas aldeias ou nasceram escolas pias de graça ou por mui vil preço, e do mesmo modo as mulheres, que ensinam os seus filhos a escrever, quando não têm dinheiro para pagar Mestres; e esta é a origem porque os filhos dos Lavradores fogem da casa de seus pais; o remédio seria abolir todas as escolas em semelhantes lugares» (30).

Como se vê, problemas de ontem, hoje também problemas, com soluções opostas (e que soluções aquelas!) ajustadas às circunstâncias político-sociais do tempo.

Que desgraçada seria essa que Ribeiro Sanches propunha há 201 anos, com tanta simplicidade e rapidez. O que pensaria ele, se vivo estivesse, sobre o nosso plano de alfabetização e cultura popular e sobre os propósitos da *Unesco*?

*

Concernentemente ao mais e, nesse mais, o elenco de matérias a ensinar à nossa Mocidade, Ribeiro Sanches propunha que nas Escolas Reais em que se aprendia o Latim, o Grego e a Retórica fossem ministradas estas ciências, intermediárias: a *História profana e Sagrada*, a *Fabulosa*, com a *Natural*, a *Geografia*, *Cronologia*, *Astronomia*, *Aritmética*, *Álgebra*, *Trigonometria*, *Lógica*, *Metafísica* e *Física experimental*.

Seriam todas estas matérias obrigatórias para matrícula nas Escolas Maiores ou Universidade. É, como se vê, um plano de ensino liceal.

E ainda propunha Sanches que nas mais escolas do Reino, estabelecidas nas cabeças das Comarcas, bastaria o ensino além das *Línguas latina e grega*, a *Filosofia moral*, a *Retórica*, a *História* e a *Geografia*, afora a instrução das obrigações de *cristão*, e de *cidadão*.

A Lógica era matéria (como Locke, não a considerava Ciência) muito apreciada por Sanches. Dizia ele que a Lógica e a Metafísica tinham por objecto «discorrer com método e ordem; ter uma ideia clara tanto das palavras e das coisas, distinguindo e separando o que nelas há de comum, com as outras, e de particular; estas duas partes da Filosofia se reduzem a ter método e ordem em tudo que se diz e escreve.

Não se entende aqui por Lógica e Metafísica» dizia ele «aquela das Escolas; já se tem por absurdo gastar três anos em aprendê-las.

A Lógica e a Metafísica hoje (*em 1762*) explicadas por um bom mestre é estudo de quatro meses...».

Aí fica este especioso conceito para o considerarem os ilustres prelectores de Lógica desta Faculdade...

Informa-nos o Prof. António de Vasconcelos, que foi insigne mestre coimbrão, em estudo de 1912, (31) que a Universidade era o centro da organização pedagógica de todo o país, repartido em 3 circunscrições: Lisboa e a Estremadura; Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes; Alentejo e Algarve, com comissários próprios e Direcção própria, pertencentes à *Real Junta da Direcção Geral dos Estudos e Escolas destes Reinos e seus Senhores*, que fora criada na Universidade em 7 de Dezembro de 1794, muitos anos depois das *Cartas* de Sanches.

O Marquês de Pombal havia fundado o *Colégio das Artes*, adstrito à Universidade, onde se ministraria o que sensivelmente corresponde hoje ao ensino secundário, sendo estabelecido por todo o país, nas mais importantes terras, escolas de primeiras letras e de Latim, Grego, Filosofia racional e Moral, Geometria, Retórica e Poética.

Os desejos de Sanches não se distanciavam das soluções do Governo, como se vê!

Foram 811 as escolas e cadeiras por então criadas. Na *Provedoria* do Porto ensinar-se-ia, na cidade, a *Filosofia racional e moral*, a *Retórica* e a *Poética*, como a *Lingua Grega*; também as cadeiras de *Gramática e Lingua latina* e duas de *Primeiras letras*.

É do mesmo ano das *Cartas*, 1762, de Ribeiro Sanches, o diploma régio que cria no Porto a *Escola Náutica*, de onde proviria em 1911 esta Universidade do Porto, após várias circunscritas metamorfoses. Pois não faltaram aqui também, entre 1762 e 1803, ano em que aparece a sua avó *Academia de Marinha e Comércio*, o ensino de *Debuxo e Desenho* e outras disciplinas literárias, como as que se ministravam no Colégio dos Órfãos, que ali se erguia onde hoje assenta a Faculdade de Ciências.

Preconizava Sanches a laicização do ensino oficial, mas, de par, a formação de uma Universidade católica. E relativamente ao Ultramar, embora ali proibisse certo tipo de ensino, recomendava que em Portugal se fundassem Pensões ou Escolas Colegiadas onde pudessem aprender os nascidos no Além-mar português, instituições essas a fundar em Lisboa, no Porto e outros lugares

do Reino. Tudo isto se referia, cremos nós, a ensino de rapazes. Para meninas, não havia oficial ou agente público até 1815. Já em 1790 D. Maria I criara 18 *lugares de mestras públicas de meninas*, que as ensinariam a ler, escrever, fiar, coser, bordar e cortar, ao mesmo tempo que se subsistia um colégio privado e já existente na Junqueira, para raparigas, do P.^e Joaquim dos Santos, que as educava gratuitamente.

Tudo adormeceu profundamente até 1815, pois somente nesse ano, a 15 de Maio, se manda executar aquele já tardio diploma de 1790, por iniciativa da *Real Junta da Directoria Geral dos Estudos*.

*

Cento e três anos antes Fénelon começava o seu livro *Education des filles* por estas palavras: «Rien n'est plus négligé que l'éducation des filles». Cá, como lá.

Pois passados três quartos de século Sanches, isto é, em 1762, afirma que será impossível educar a fidalguia portuguesa sem que se instituassem «escolas com clauzura para se educarem ali as meninas fidalgas desde a mais tenra idade»; «porque por último as Mães, e o sexo feminino são os primeiros mestres do nosso; todas as primeiras ideias que temos, provêm da criação que temos das Mães, amas e aias; e se estas forem bem educadas nos conhecimentos da verdadeira Religião, da vida civil, e das novas obrigações, reduzindo todo o ensino dessas meninas Fidalgas à Geografia, à História Sagrada e profana, e ao trabalho de mãos senhoril, que se empregue no risco, bordar, pintar, e estofar, não perderiam tanto tempo em ler novelas amorosas, versos, que nem todos são sagrados: e em outros passatempos, onde o ânimo não só se dissipa, mas às vezes se comunica aos filhos, aos irmãos, e aos maridos».

Era esta sugestão, no fundo, a de um verdadeiro *Colégio das Nobres*, como propusera, noutros moldes, certamente, para os rapazes fidalgos portugueses e que viria a realizar-se, como se sabe. Análoga sugestão fizera na Rússia, para os súbditos deste império (Verney alude a estes colégios, *Método*, V, 122).

Ficavam de fora, porém, as outras raparigas, as da classe burguesa e da operária ou rural.

Pois será para educar as primeiras, as filhas de «pais honrados

e com bens» que ele escreve ao seu Amigo Dr. Barbosa, em Elvas, uma carta de 1754 (estanciava então nos banhos de Bourbon Lancy), onde não disfrutava biblioteca, nem o manuseio de seus papéis; apenas tinha à mão Horácio e o *De Officiis*, pelo que tudo que lhe escrevia era apenas à custa da memória.

O que li, no primeiro dos 5 volumes de manuscritos da Bibliotheca Nacional de Madrid, seria a minuta dessa carta, nessas condições escrita e cujo paradeiro desconheço. É essa minuta que passo a ler-vos, tal como a transportei neste caderno, nessa linguagem tão adulterada e inçada da influência francesa:

Ms. de R. Sanches, I, 256.

«Educação de hũa Menina ate a idade de tomar Estado, no Reyno de Portugal. Escrita a meu Am.º o D.º Barbosa (32) a Elvas. Pello anno 1754:

Nos banhos de Bourbon Lancy

Meu am.º e s.º Pedeme Vmº lhe de omeu parecer como se ha de crear hua Menina nacida de Pays honrados, e com bens para educalla, porque nesta materia tem meditado e escrito ja algumas folhas.

Se eu considerasse tanto a minha reputação como a agradar e a obedecer a Vmº não havia de escuzar entrar na mesma carreya com Vm.º

Deyxo aparte, o que he verdade, os conhecim.ºs que Vmº adquirio dos melhores AA; o certo he que Vmº vivendo em Portugal, sabendo como se cazão as Donzelas nas familias mais prudentes e virtuozas, pode tirar conhecimento de que eu sou totalmente destituido.

Principalmente neste deserto a donde me acho sem livro algum exceptuando Horacio, e o livro de officiis de Cicero: tenho que recorrer somente a memoria.

Não tenho que dizer a Vmº de que modo devam ser criados os meninos ou meninas ate a idade de tres annos, ou até aquelle tempo quando começam a fallar: como esta parte pertence a Medicina, e della espero hum dia ainda escrever a deyxo para aquelle tempo Se la chegar. /256 v.

Sera objecto deste papel por aqui todo o que podera contribuir para informar o animo de hũa minina nacida de Pais honrados.

Lembrome que Aristóteles no septimo oitavo e nono Livro da sua Politica demostra que a educação que se deve dar a hum minino ha de ser tal que possa servir para cumprir as leis da sua Patria; e que tao bem lhe possa servir no tempo do trabalho e dos negocios, como no tempo do descanso e do ocio.

Hua Minina Portugueza ou ha de ser matrona hum dia, ou he de ser Religioza: a educação que deve ter em casa de seos Pais ou em hũa clausura deve ser tal que possa cumprir as obrigacoins da Sociedade e Reyno donde naceo, ou as obrigacoins da Religião a que se dedicou.

Tanto quanto me lembro ha muitas familias em Portugal que mandão criar as suas filhas nos conventos, principalmente se melhor tem parentes Freyras.

Não entro aqui nos motivos, que sao patentes, que os Pays tem para encerrarem suas filhas tão de boa hora, nem na conveniencia que tem as parentes de atrahirem ao Convento educandas.

O certo é que procurão a ruina dos corpos destas mininas, por esta educação, e que ficão inuteis tanto p.^a comprirem a obrigação de Matronas, e de Religiosas.

A experiencia me ensina que todas as Mininas que forão criadas na Corte, ou nos Conventos, e que vierão a tomar o estado conjugal que todas forão Matronas inuteis as suas familias; e soube de pessoas bem instruidas que todas as Educandas que professarão depois no mesmo convento a ordem delles que não foram as Religiosas mais famosas, nem mais exemplares.

O Abbade de S. Pedro nos seos Discursos/257 Politicos aconselhou os intendentes da Provincia de França, que correspondem aos nossos Corregedores que impedissem fazer os votos da ordem nos conventos nos quais fossem educadas: este seria um motivo p.^a que as Parentas não atrahyssem as mininas p.^a criadas, e ficarem freiras nos conventos.

Sei tão bem que he costume de muytos Reynos e creyo que ja esta moda passou a Portugal que as cazas nobres tomão mestres, e amas estrangeyras para criarem e ensinarem suas filhas, e para aprenderlhe as lingoas Francesa e Italiana.

Ficão estas mininas com os mesmos vicios e modo rasteyro de pensar de obrar das suas amas, que de ordinario sao gentes de comum e algũa couza peyor.

Pello que somente tratarei da educação que dão e devem dar

os verdadeyros Portuguezes, homens de bem, Prudentes e abastados as suas filhas como subditos de hum Estado, e como Christians da Santa Igreja Catholica Romana.

Se consideramos para o bem que hũa Matrona pode dar ao Estado acharemos que nem hum sujeito nasce nelle que lhe seja mais util. Ella da subditos ao Estado, e a Igreja que os hão de servir e eternizar; ella os cria ou tanto aos seos peitos, como formando-lhe o corpo são e robusto, e o animo isento de maos costumes e vicios, ingerindolhe sementes da virtude; he certo que as primeiras ideas com que nos formamos que procedem da companhia que tivemos nos primeyros crepusculos da razão: se as mais forem credulas, ignorantes, colericas, superticiozas estes vicios ficão ou por toda a vida, ou com muita difficuldade se arrancão do animo, ainda daquelles que cultivão o seu juizo/
/257 v.

Hũa Minina ha de vir hum dia a ter hum dos tres estados que vou a descrever: ou ha de ser Matrona; ou ha de ser Religiosa; ou Solteira Senhora da Sua Caza, ou governar uma Caza alheia.

O officio de hũa Matrona consiste em saber governar hũa Caza com tal regra e economia que os rendimentos della sejam bastantes p.^a sustentalla e para estabelecer a sua familia: deve ser a Mestra do animo dos seos filhos e filhas inculcandolhe hũa vergonha eterna pello máo procedimento; e hũa estimação...? pella vida virtuozza.

Deve ensinarlhe a cortezia; o asseo a limpeza, a regrar as horas do trabalho, sono, e de comer e de que modo se hão de fazer estas necessarias accoins da vida.

Deve inculcarlhe os processos necessarios da religião, e com o exemplo (?) a sua familia.

Logo he necessario que hũa Minina seja instruida depois da tenra idade, logo que comeca a fallar a instruilla no que deve servir pera toda a vida.

Não sou de parecer que não apprenda a ler e a escrever, e a Arithmetica, escrever hũa carta, saber ter hum livro de contas da Economia de deve e haver: aprender a risco Dessin(?) p.^a saber bordar em lam, em seda, e em linho, ouro e prata; a Geographia, e a Historia da sua patria, e o conhecimento dos costumes della. Como tão bem a dançar/259 mais para satisfazer o intento de fortificar o corpo e darlhe a graca, e ar agradavel da postura, do andar, e caminhar, como tão bem o saber jogar os jogos domesticos, que cada Reyno tem particulares e dedicados a melindres

do sexo. Não insistira muito em perderem muito tempo a aprenderem a Musica, nem Vocal, nem Instrumental: he hũa arte no sexo, que não se exercita que no tempo da mocidade, e tanto que o Estado que abração tras consigo o menor cuidado fica inutil todo aquelle tempo que se occupou a aprender a Musica.

Accuzarmeha Vm.^e que não destino aprender a lingoa latina, a Philosophia, e as Mathematicas a hua Minina ainda que seja nacida da hũa alta esfera; Accuzarme ha Vm.^e que não a destino a saber a historia sagrada, ao menos a da Biblia, e a Ecclesiastica, e as obrigacoins do Cristão pellos principios da Theologia ou Positiva, ou Mystica.

Eu não acho proposito que entre V. S.^a...

(aqui a página está cortada, com desaparecimento de uma 5.^a parte da mesma).

Como dis o Castelhana, no es vileza, mas es ramo de picardia.» Alem disso o estabelecimento honrado dos filhos e das filhas depende da economia das mays, se tem a fortuna de encontrarem com maridos cordatos, e prudentes.

Seria necessario que hũa Minina ao mesmo tempo que appren- desse o risco, a fiar, a cozer e a talhar, que aprendesse a escrever; mas escrever para escrever hũa carta, para assentar em hum livro que fez tais e tais provisoins para viver seis mezes a sua caza; para assentar o tempo do serviço dos Criados e Jornaleyros, e os sallarios; para escrever nelle o preco de todos os comestiveis, de toda a sorte de pano de linho, de panos, de seda, de estamenhas, de moveis de caza; os lugares a donde se fabricão, ou a donde se vendem mais baratos.

Seria util e necessario que soubesse tanto da Arithmetica que soubesse calcular, quanto trigo, azeite vinho, carnes salgadas, doces serão necessarios a hũa familia; escrever no seu livro os varios modos de fazer doces, e a despeza, e prever o proveito ou a perda que pode destas provisoins tirar hũa Caza.

A Minina que fosse assim criada ate 19 ou 18 annos asseguro a Vm.^e que não viviria muito ociosa; não lhe ficaria muito tempo para enfeitarse vãamente; e muito menos p.^a se por a hua janela, ou a hũa baranda, ler novelas ou comedias, e passar o tempo com o pensamento enleado na ternura dos amantes.

O ocio meu am.^o e s.^r he a polilha etc./259 v.^o (passa sem continuação para fl. 260):

/260.^o O ocio he a may de todo o vicio, he a carcoma da virtude; he o mais potente veneno para abrandar e enfraquecer o coração ativo, e generoso, que deve por emblema levar consigo a cara do amavel sexo: Para evitalo os concelhos he fraco remedio; por essa razão quis mostrar as occupações economicas em que devem ser criadas as mininas não so por que nellas devem passar a vida ou sejam Matronas Religiosas ou (?) mas tão bem para subtrairlhes o veneno do ocio por toda a vida./260 v.^o

Ou esta Minina venha a ser Matrona ou Religiosa ou Abbadessa, o que vivendo solteyra governe a caza, ou venha a governar ou a ensinar em caza alheya esta educação lhe sirva por toda a vida; e Vm.^e ve quanto depende hum Estado bem governado, e a observancia da Religião de hua tal educação, porque enfim os filhos, e as filhas seguem dentro de caza e no seu particular a obrarem como virão obrar seos Pais e Mays.

A experiencia me ensinou que todas as Donzellas que forão educadas na Corte e nas Cazas dos grandes Senhores adonde toda o tempo passa o sexo em preparos e reparos, em enfeites, e em chistes e em occupar o tempo em divertimentos frivolos, ou viciozos, são os peyores casamentos.

As Mininas educadas em Communiidades religiosas sayem tantas estatuas cheyas de presunção, inhabeis p.^a governar hũa caza e muito menos hum convento: vm.^e ve mui bem que por falta da educação da vida activa, que consiste so em saber a Sciencia economica universal e particular de cada caza, incluído nella ainda as regras de conservar a saude pella boa Caza ar, propriedade, que tantas familias se arruinarão, amando mais a honra louca de cazarmse com hua senhora criada ou na corte ou em hum convento do que outra educada como deve ser em caza de Pais cordatos e honrados./261 Dirme ha Vm.^e que sou mui rigoroso e que quero tomar o titulo de Legislador: Bem sei meu Am.^o e S.^r que cada Reyno tem seos particulares costumes, que cada Nação tem suas preocupações, que os climas calidos sempre forão os mais preguicozos, adonde a industria, as artes e as Sciencias estiverão sempre com as raizes a flor da terra.

Mas ficarme a consolacão que descrevendo o modo como devem criar as Mininas etc.

Mas que considere cada qual tanto no seu particular, como

no governo das comunidades, das Provincias e dos Reynos quantas desordens, ruinas e asolos (?) de familias e de Reynos tem sido a cauza a falta de economia.

Ninguém o podera considerar com attenção e com espanto, se não aquelle que ler com este proposito as memorias do Duque de Sully: esse grande homem foi a origem de toda a grandeza da França: o primeyro Ministro da fazenda del Rey Henry o quarto, com poder absoluto para destruir os roubos, e os vicios que se tinham introduzido na Monarchia de tal modo soube dispolas, com tanta ordem, parsimonia no superfluo, grandeza no necessario, que destes principios estabelecidos se erigio esta Monarchia a grandeza que vemos, e observão todos os...

/261. vº Mas deyxando estes consideracoins para os Politicos ... aqui o que pertence ao governo economico de hũa caza: os Antigos como Xenophonte, a quem copiou Cicero, e os Autores que tratarão de Re Rustica, que nos chamamos mui diminutamente da Agricultura todos tratarão da œconomia; Catão sobre tudo, pondo por base desta sua doutrina aquella maxima «oportet Patrem familias esse Vendacem, & non emacem: naquelles tempos todos os homens fazião por si ou pellos seos escravos hum commercio, pello menos das couzas necessarias a vida: não era deshonra senão aquelle estado de ociosidade: Vierão as leis dos Godos, e mudarão tudo o que pode conservar a Natureza: Estas leis são para destruir e conquistar acabarão as conquistas, e ficão os homens inuteis inhabeis, perniciosos a Republica exceptuando no tempo da guerra»./

*

Aqui termina, pròpriamente, o projecto dedicado à educação duma menina burguesa, nesse longínquo ano de 1762, parte essa paralela a outra que versa a puericultura ou pediatria, muito curiosa, que prossegue depois.

As instruções que dá para a cultura física e psíquica das crianças são as do tempo e tantas delas actuais.

Condena o ensino intelectual precoce; traça normas de ensino que bem podem considerar-se pioneiras do que hoje se preconiza em Higiene mental, focando, de modo singular, as alterações psicomorais que podem surgir de um ensino desajustado que designa como *melancólicas* e nós hoje poderíamos chamar depres-

sivas e angustiosas, se não nitidamente neuróticas. E após outras considerações, ensina que a instrução, nas diversas modalidades que aponta, sobrepassa o que é legítimo e curial, pelo que surge sério estado patológico que descreve e considera mais grave ainda no sexo feminino.

E após outras considerações profiláticas e terapêuticas assim termina estas páginas que escreveu sobre Pediatria e Pedagogia masculina e feminina, dizendo:

«Se estas mal digeridas ideias servirem de alguma utilidade à minha pátria não chorarei o tempo que gastei em meditá-las e descrevê-las».

Enfim, em outro capítulo versa Ribeiro Sanches a *Educação da Mocidade das Colónias e das Conquistas do Ultramar*, páginas em que afirma que cada uma delas «é um parto de Portugal», de par com outras observações que precisariam de comentário adequado, se tivéssemos tempo para tal.

*

Não há bem que sempre dure, nem mal que não se acabe. Este de vos falar há uma hora, creio eu, pede termo imediato, embora veja e sinta, que contrariamente aos inimigos da instrução do sexo fraco, as Senhoras ouvintes deste obscuro exemplar do sexo por alcunha o *forte*, resistiram esplêndidamente a tamanho suplício.

Se desta palestra nada pode ficar de meu, muito ficou daquele que desejei homenagear no 2.º centenário da publicação de um dos mais notáveis livros de Portugueses, o *Método de estudar a Medicina*. E algo de singular fica, por certo, para a História da Pedagogia em Portugal. De modo particularíssimo se evocou essa insigne figura, que tanto defendeu e muito propôs quanto à instrução das Mulheres, pelo que delas merece grata recordação.

E eu tive muito prazer em lho lembrar!

Como lembro também que se deduz do exame das regras pedagógicas indicadas ou transcritas nelas serem nítidas as impressões que o nosso preiteado colhera nas obras de Rollin e de Fénelon, para não citar outros, tal como as sentira profundamente o próprio Verney.

Era infalível a influência desses tratadistas, tão habitual nos

escritos dos reformadores que procuravam e encontravam paradigmas nos países por onde viajavam ou em que habitavam. Ontem, como hoje...

Sanches não escaparia à regra. De nossa parte, cremos que dar a conhecer um inédito manuscrito de sua pena é preito expressivo de admiração e respeito pelo intento justo e oportuno que nele se revela, com modesta novidade!

Nem outra coisa pretendêramos...

De par, coligirmos certos elementos dispersos desta História pedagógica não teria sido labor vão. Parece que ficámos a conhecer um pouco melhor o que se fez no século XVIII para dar à Mulher portuguesa o lugar a que julgo já ter ascendido com estranha celeridade.

A semente doutrinária de Fénelon, de Rollin, de Verney ou de Ribeiro Sanches caíra em terra fecunda, germinara, florira e enfrutescera. Com inacreditável desenvoltura a Mulher já hoje pisa aqueles caminhos largos em que desembocavam as estreitas congostas abertas audaciosamente e custosamente nos séculos XVIII e anteriores.

Isso por seus próprios méritos, que são muitos.

Mas também porque os homens *não são tão egoístas, nem tão ignorantes, nem tão independentes, nem, sobretudo, tão maus!*

11-12-1963

NOTAS

- (1) Vd. roda-pé de pá. 9.
- (2) Segue-se, na maior parte desta biografia, a que escreveu amplamente o Prof. Maximiano Lemos, com o título. *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra. Obra escripta sobre novos documentos, no desempenho de uma comissão do governo português*. Porto, 1911. (*) Vd., Hernani Monteiro, *Prof. Maximiano Lemos*, «Suplemento... à História do Ensino médico no Porto», 1925, Porto.
- (3) Idem. Andry e Vicq d'Azyr, entre mais, dão elementos biográficos em diversos lugares. Lemos refere-os com largueza.
- (4) Luís de Pina. *A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da Higiene político-social portuguesa*, «O Médico», N.º 283. Porto; e Verney, *Ribeiro Sanches e Diderot na História das Universidades*, «Stvdivm Generale», 1-2. 1955. Porto.
- (5) M. Lemos aponta uma edição de Paris. Há 2 xemplares manuscritos na Biblioteca Municipal de Porto. O ilustre historiador da Medicina deu ao prelo, em 1922: — *Biblioteca do século XVIII. II — Cartas sobre a Educação da Mocidade por A. N. Ribeiro Sanches*. Imprensa da Universidade, Coimbra.
- (6) Reproduzimos o título em ortografia actual.
- (7) Vd., também, de Maximiano Lemos, a respeito de Sanches, o II volume da sua *História da Medicina em Portugal*, 1899, Lisboa.
- (8) Ribeiro Sanches. *Sobre as colónias*. Seg. Max. Lemos, ob. cit..
- (9) Ribeiro Sanches. *Mélodo*, etc. Edições de 1763. Pág. 139.
- (10) José de Magalhães. *Os cooperadores de Verney*. «História da Literatura Portuguesa Ilustrada». 3.º, 282. Lisboa.
- (11) Indicação de Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches*, ob. cit. Pág. 178.
- (12) Delfim Santos. *O Pensamento filcsófico em Portugal*. «Portugal, Breviário da Pátria para os Portugueses ausentes». Pág. 273. 1946, Lisboa.
- (13) Feliciano Ramos. *História da Literatura Portuguesa*. 1956, Braga. Pág. 368.
- (14) Paul Monroe. *História da Educação*. 1939. S. Paulo.
- (15) Rui Gonçalves. Seg. Barbosa Machado, in *Bibliotheca Lusitana*, etc. III. 1752, Lisboa. Pág. 649.

(*) Quer o *Método*, quer as *Cartas* (vd. nota 5) foram reeditadas em 1959 pela Universidade de Coimbra, na colecção «Universitatis Conimbrigensis Studia Ae Regesta».

- (16) Maria Olívia Firmino Rúber. *Duas figuras femininas da Medicina Medieval*. 1956, Porto. Na Bibliografia que aponta lêem-se algumas das obras que mais interessam a este assunto. Vd; ainda, de Luís de Pina, «Em loor de las mugeres», in *Em verdade vos digo*, 1937, Porto. Pág. 188.
- (17) Conde de Sabugosa. *Gente d'algo*. 2.^a edição, Lisboa.
- (18) Maria Amália Vaz de Carvalho. Ob. cit.
- (19) Ramalho Ortigão. *Crónicas portuenses*. 1944, Lisboa.
- (20) Eça de Queirós. *Uma campanha alegre. Das Farpas*. 1933, Porto. Cap. XXIII. Pág. 144.
- (21) Ribeiro Sanches. *Método*, ob. cit. Ed. original, pág. 162. Vd. Luís de Pina. *Salus Universitatis*. «Stvdivm Generale», n.º 1. III, Porto, 1956.
- (22) Júlio Dantas. *O amor em Portugal no século XVIII*, Porto, 1916, Pág. 18-19.
- (23) Roger Gal. *Histoire de l'éducation*. Paris, 1956
- (24) Fénelon. *Education des Filles. Fables. Lettre a l'Académie Française*. Paris. Flammarion. S. D. Vd. Gal, ob. cit. (nota anterior).
- (25) Salgado Júnior. *Luis António Verney. Verdadeiro método de estudar*. 5 volumes. O 1.º é de 1949; o 5.º, que encerra *Estudos médicos*, é de 1952. Lisboa.
- (26) António de Andrade. *Verney e a Filosofia portuguesa*. Braga, 1946.
- (27) Luís Verney. Ob. cit. III. Capítulo sobre Filosofia.
- (28) Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches*, ob. cit. Na Bibliografia tem esta nota: «Advertencia preliminar com o título *Ao leitor sobre esta edição das obras de Luis de Camões* — Nova edição — Paris — À custa de Pedro Gendron 1759. É o próprio Sanches que nas *Cartas sobre a educação da mocidade* diz que esta advertencia é obra sua». A presente nota de Maximiano Lemos é a n.º 6, de pág. 292.
- (29) Ribeiro Sanches. *Cartas*, etc. Pág. 286. Edição de Coimbra, 1959.
- (30) Ribeiro. *Cartas*, etc. Pág. 287-288. Id.
- (31) António de Vasconcelos. *Faculdades de Letras*. «Revista da Universidade de Coimbra». 1.º Coimbra, 1912.
- (32) Deve tratar-se do Dr. João Sacchetti Barbosa (1714-L. 1780), partidário de Boerhaave e colaborador da Reforma Universitária de 1772.

*

A Casa Editora de Leida E. J. Brill distribuiu, há tempos, por intermédio da Livraria Tavares Martins, do Porto, e já depois de composta esta nossa conferência, um prospecto a annuciar a obra de David Willemse (Suplemento a «Janus», VI) sobre António Nunes Ribeiro Sanches, 1966, onde se esclarece que o autor prestou justiça ao valor da obra do nosso compatriota, naquele país e na Rússia.

O estudo de Willemse intitula-se *António Nunes Ribeiro Sanches — élève de Boerhaave — et son importance pour la Russie*.

O autor justifica a obra por serem escritos em português quase todos os estudos sobre Sanches, «de sorte que leur contenu n'a pu trouver l'attention qu'il méritait». Mais promete que, em apêndice, apresentará o catálogo da rica bibliografia de Sanches. Não pudemos ler este, por certo, interessante volume. No próprio ano da Reforma de 1772, da Universidade de Coimbra, apareceu na Rússia uma obra de certo autor dedicada ao nosso compatriota, onde relembra o seu cargo de médico da corte e dos exércitos de Ana Ivanovna e Isabel Petrovna, Imperatrizes de todas as Rússias.